



O Hospital do Gama atende um grande número de pacientes de municípios do Entorno, o que provoca filas e tumultos nos corredores



Com a falta de vagas nas enfermarias, os pacientes ficam no chão

Superlotação leva caos ao Hospital do Gama

Fátima Santos

Da Sucursal de Taguatinga

As reclamações se repetem e se acumulam nas filas que se formam na portaria da emergência do Hospital Regional do Gama (HRG), onde cerca de mil pessoas buscam diariamente tratamento para os mais variados problemas de saúde, desde a gripe até os infartos, sem contar os acidentados, baleados ou vítimas de outras violências. O diretor do hospital, Paulo Luciano Pucci, admite não haver solução a curto prazo para os problemas que afligem não só o HRG mas todo o sistema de saúde do DF e do resto do País. De acordo com ele, há um acréscimo considerável na demanda de pacientes ao mesmo tempo em que os quadros de médicos e funcionários se mantêm inalterados.

Para se ter uma ideia das dificuldades que atingem o hospital, basta permanecer por alguns minutos em seus corredores, verificando a situação dos pacientes enquanto são medicados deitados no chão, porque não há macas suficientes, ou aguardando por horas a presença do médico. Adonias Araújo dos Santos, estava segunda-feira passada no HRG com várias costelas quebradas. Às 7h da manhã, quando chegou, foi

atendido e recebeu a solicitação para fazer radiografias. Às 17h, ainda andava de um lado para outro do corredor, se queixando das dores, segurando os exames que não tinham sido vistos por nenhum médico.

Tumulto — O tumulto é comum no HRG e, segundo a direção do hospital chega a ser compreensível. De um lado estão os pacientes em busca de socorro e de outro, médicos, atendentes e enfermeiros sobrecarregados de trabalho (a maioria tem mais de dois empregos) e pouca paciência para as críticas que ouvem com frequência. "É um barril de pólvora o relacionamento entre os pacientes e os funcionários que estão na linha de frente", disse Luciano Pucci.

O diretor do hospital informou que várias medidas paliativas estão sendo adotadas para minorar a grave situação da emergência. Entre elas está a melhoria do serviço de triagem e do atendimento nos centros de saúde. São seis centros urbanos e dois postos rurais, além do antigo Posto de Atendimento Médico do Inamps, incorporado à Fundação Hospitalar (FHDF), que também enfrentam problemas. A marcação de consultas é difícil e os prazos de espera muito longos para a ansie-

dade dos doentes que proferem procurar o hospital e se somar às dezenas de pacientes que já estão nas filas.

Saturação — Em apenas um ano — entre 1991 e 1992 — as cirurgias de emergência aumentaram em 74 por cento no Hospital Regional do Gama, as consultas em 42 por cento, enquanto num período de dois anos, o quadro de pessoal cresceu sete por cento. O diretor do hospital considera que os números podem explicar a crise. Projetado para atender somente a população da satélite do Gama, o HRG atende atualmente os 123 mil moradores de Santa Maria — onde não há centros de saúde — e a população do Recanto das Emas, o mais novo assentamento do DF.

Do total de mil pacientes/dia na emergência, 50 por cento são moradores do Entorno e de outros estados. Segundo Luciano Pucci, é necessário uma melhoria imediata do sistema de saúde nestes locais para que Brasília não continue sendo sobrecarregada. A proximidade do Gama com o Entorno e cidades como Céu Azul, Pedregal, Valparaíso, Cidades Jardins e outras localidades está acarretando a saturação de seus serviços de saúde, em prejuízo da comunidade local.

Balanço do atendimento na rede hospitalar

JANEIRO A SETEMBRO — 1992

